

Quimeras do agora



Por DANIEL BRAZIL*

Comentário sobre o livro recém-lançado de Ana Rüsche

1.

A discussão acerca do Antropoceno já completa mais de duas décadas, e o termo ainda não é conhecido pela maioria das pessoas. Nomear uma era é diferente de nomear uma nova espécie, requer um consenso científico que ainda estamos longe de alcançar. No entanto, cada vez mais se torna urgente compreender o significado profundo do conceito, cada vez mais ligado às transformações climáticas que estamos vivendo. Dar nome às coisas é um processo essencial da humanidade.

Ana Rüsche, no livro *Quimeras do Agora*, destrincha minuciosamente a questão. O volume, que traz o subtítulo de *Literatura, ecologia e imaginação política no Antropoceno*, a autora mapeia o surgimento da palavra-conceito, e a partir da definição mais aceita discute seu significado simbólico na ciência e na literatura de ficção.

Antropoceno seria a era em que a ação humana (*antropos*) provocou alterações mensuráveis no planeta, seja no solo, na atmosfera ou nos oceanos, interferindo na vida de outras espécies. Ou da própria, uma vez que há uma tendência a considerar o início da era a chegada nas Américas, trazendo doenças e armas que extermínaram mais de 50 milhões de habitantes nativos e provocaram um desequilíbrio ambiental.

Há autores que propõem outras referências nominais (Plantationceno, Capitaloceno, Quintário), e a autora explana isso de forma didática na primeira parte do livro. Fruto de uma pesquisa acadêmica de pós-doutorado, seu objetivo é mostrar como a literatura antecipou essa discussão, através de utopias e distopias, representando a interferência humana na natureza e o surgimento de quimeras e monstros que fogem ao controle da espécie supostamente “dominante”.

Ana Rüsche parte de pensadores clássicos, como Platão e Thomas More, dedica atenção a Mary Shelley (*Frankenstein*), chega a contemporâneos como Lovelock, Ailton Krenak, Naomi Klein, Fredric Jameson e Donna Haraway, e convoca uma série de autores da chamada ficção científica.

A chamada literatura de antecipação muitas vezes colocou a questão do desequilíbrio ambiental, da destruição de outras espécies, da poluição descontrolada e da superpopulação humana, e a autora trata isso como sintoma, prenúncio, *zeitgeist*, com numerosos exemplos do *ciberpunk*, *solarpunk* e outras correntes estéticas do gênero.

2.

a terra é redonda

A literatura brasileira merece atenção, com destaque para o sombrio *Não Verás País Nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, lançado (e censurado) em plena ditadura. Da utópica *Pasárgada* de Manuel Bandeira, passando pelo naturalismo científico de Euclides da Cunha, a noção de um país que já foi chamado poeticamente de “paraíso perdido” ganha a perversa denotação de paraíso perdido, mesmo.

Podemos encontrar ecos sintomáticos do desequilíbrio ambiental provocado pelo homem na conhecida obra de J. J. Veiga, *A Hora dos ruminantes*, publicada em 1966, e até mesmo na curiosa antecipação de Monteiro Lobato em *A Reforma da Natureza*, de 1939.

Obviamente a autora não pode ter lido toda a ficção contemporânea escrita no Brasil, mas certamente podemos estabelecer conexões com obras recentes como *O Som do Rugido da Onça*, de Micheliny Verunschk, que parte da expedição científica de Spix e Martius pelo Brasil em 1817/1820, ou do livro de contos *Nós, cegos*, de Sandra Godinho, onde o fio narrativo é conduzido por uma árvore na Amazônia, em chave mais fabulista.

O premiado *O Poema Imperfeito*, de Fernando Fernandez, professor da UFRJ, também pode ser considerada uma obra que gira em torno destes temas, e que virou até filme, apesar de não ser ficção. O subtítulo, *Crônicas de Biologia, Conservação da Natureza e seus Heróis*, é autoexplicativo. O autor também escreveu *Os Mastodontes de Barriga Cheia*, e suas crônicas podem ser lidas como pequenos ensaios.

Fernando Fernandez defende a hipótese de que os grandes vertebrados do final do Quaternário (mamutes, preguiças gigantes, tigres-de-dente-de-sabre, gliptodontes, entre outros) não se extinguiram por mudanças climáticas, mas pela ação humana, o que poderia ser um novo marco para o nosso Antropoceno.

O cientista americano, filho de imigrantes, Jared Diamond, no seu livro *Colapso*, coloca outra assustadora possibilidade: a de que vários impérios e civilizações da Antiguidade não desapareceram por causa de guerras ou conflitos internos, mas por não saberem enfrentar seus problemas ambientais. Uma ideia que altera profundamente o conceito que temos da História, para dizer o mínimo.

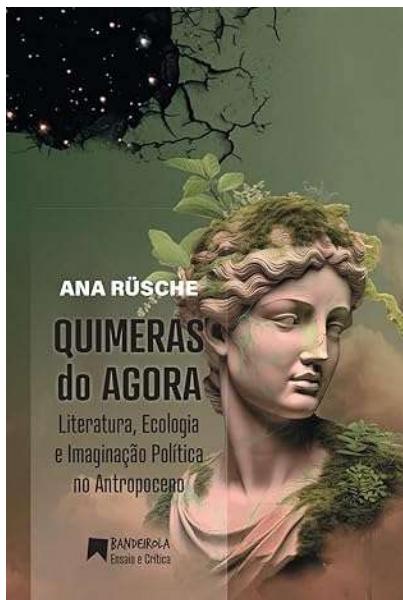
Enquanto a ciência discute a questão, a literatura ficcional continua sendo um campo inesgotável de especulações e hipóteses. Como diz Ana Rüsche na abertura do trabalho, “Dar forma a ideias e retratar o mundo são o cerne do fazer literário. (...) Nomear é construir um mundo, um conceito, uma forma de compreender as coisas, mesmo que dependam da materialidade para de fato acontecerem.”

A partir disso, propõe questões que estimulam leituras e releituras, e tornam ainda mais urgente a necessidade da ficção como elemento para compreensão do mundo em que vivemos, antes que este seja destruído.

*Daniel Brazil é escritor, autor do romance *Terno de Reis* (*Penalux*), roteirista e diretor de TV, crítico musical e literário.

Referência

a terra é redonda



Ana Rüsche. *Quimeras do agora: literatura, ecologia e imaginação política no Antropoceno*. São Paulo, Editora Bandeirola, 2025, 150 págs. [<https://amzn.to/4jA2alH>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

<https://amzn.to/4jA2alH>